

ENTREVISTA #1

Deutschland Radio: Por Ursula Böhmer

Matéria da Deutschland Radio sobre Kseni – die Fremde em 29 de outubro de 2007

Narrador Na mitologia grega, ela é considerada o maior símbolo do ato de vingança: Medéia, que se vinga do marido infiel matando não apenas a rival como os próprios filhos. Depois que Eurípedes, em 431 antes de Cristo, foi o primeiro a transpor o tema para o teatro, muitos outros autores retomaram o assunto - entre eles, Pierre Corneille, Franz Grillparzer, Hans Henny Jahnn, ou compositores como Luigi Cherubini e Ernst Kenek. Em 2002, a compositora brasileira Jocy de Oliveira também se envolveu com o mito de Medéia. Kseni, a estrangeira é o nome da peça musical em cinco atos apresentada em sua versão apenas musical em 2005 durante o Festival de Berlim. A obra foi montada pela primeira vez no palco no Rio de Janeiro, no ano passado. No sábado, a versão teatral estreou na Europa, na cidade de Ludwigshafen, no Corso Film Theater, uma vez que o teatro im Pfalzbau está sofrendo reformas depois de 40 anos.

Musik 1, CD1, 5'06 até 5'18 Prelúdio, (12 seg)

Ereta, de braços erguidos, ela demonstra auto-suficiência. Canta, grita, sussurra, acusa. Essa Medéia não é apenas uma assassina.

Musik 2, CD1 /5'25 Texto: ...Cuidado! Os que vêm depois de mim ...

Essa Medéia é profetisa – e vítima. Em sua música-teatro Kseni – a Estrangeira, Jocy de Oliveira mostra a sua interpretação do antigo mito. Medéia, a emigrante excluída, se torna uma espécie de médium que alerta contra a xenofobia e o fanatismo, tanto quanto contra a ganância e a frieza emocional. Ela mata seus filhos menos por desejo de vingança e mais por uma espécie de amor materno excessivo, a fim de protegê-los contra um mundo que se tornou estranho.

No palco, o aspecto trágico na peça de Jocy de Oliveiras é suavizado pelo visual estético. Medéia, a estrangeira, usa um traje, branco, com mangas exageradamente longas, que permite apenas movimentos lentos, estudados. O rosto marcante, maquiado em preto e branco, é inexpressivo, quase como um boneco do teatro No japonês. A bruxa apenas irrompe de vez em quando, quando uma Medéia encurvada atravessa o palco delimitando, aos berros, a sua área de poder.

Musik 3, CD 1, 8'27 até 8'32 (grito 5 seg)

A soprano Sigune von Osten interpreta Kseni – die Fremde. A peça foi literalmente escrita para as suas cordas vocais, um tour de force de uma hora, tempo durante o qual Sigune se alterna entre sons agudos e estridentes, tremolos, fragmentos melódicos e texto falado. Tudo isso cria uma atmosfera arcaica, cheia de efeitos, combinando com a música ora ritmada, ora meditativa - filigranas sonoras.

Nessa peça, Jocy de Oliveira – que se notabilizou por suas seis óperas, além de obras de câmara - recorre a uma balada de trovadores medievais.

Musik, 15 seg da balada de Medéia CD No 5, de 11'17 até 11'45 (28 seg)

O som especial da tambura indiana garante a calma meditativa. Há outros instrumentos exóticos no palco, simbolizando o estrangeiro, como gongos tailandeses, o mrdárgan da Índia ou a Fingerbecken?? de Burma. Instrumentos clássicos como o clarinete ou o violoncelo ganham um efeito de estranhamento com ajuda de multiphonics ou técnicas especiais de arco. As duas esculturas sonoras no palco também parecem ser de outro mundo: um pedaço curvo de metal que pende sobre o palco e é tocado com um arco de contrabaixo. Ou outra, com dois pedaços salientes de metal, que, quando sacudidos, produzem um ruído ameaçador.

Musik CD 2, 0'31 até 0'49 Grito: Medeia (18 seg)

Os instrumentistas fazem comentários, quase como um coro antigo, a partir de palavras-chave, pois Jocy de Oliveira, em sua partitura, monta vários clusters sonoros numa espécie de colagem. Da mesma forma, os textos – em alemão, inglês, grego ou na língua galo-românica.

Musik CD3, até 0'30 Who cares if she cries...a perda dos filhos....a perda do silêncio (30 seg)

Kseni – a estrangeira é o testemunho de Jocy de Oliveira sobre a nossa era, um chamado para mais humanismo. Ela transforma o antigo em algo novo. Ou a novidade em algo antigo, ao fazer as referências ao teatro grego com ajuda de ferramentas multimídia. Os atos de vingança de Medéia não ocorrem diretamente no palco, mas através de inserções de vídeo-instalações. Um vestido de noiva em chamas. Uma mulher nua que se lava em uma poça d'água, a qual começa a ficar vermelho-sangue. Também são purificadoras as defesas apaixonadas no palco, bem na linha da catarse grega.

Assim, Jocy de Oliveira cria um teatro musical diversificado e forte, com muito pathos antigo.

**CD 5, 19'40. De 19'54 a 20'20 final „O direito de ser diferente“ (13 seg)
Musik: 2'53, Texto: 4'13**

ENTREVISTA #2

JOCY DE OLIVEIRA Por João Marcos Coelho

“Absorver o tempo em sua essência não estruturada” é um dos eixos centrais da criação musical de Jocy de Oliveira. Ela começou sua carreira como pianista e logo se assumiu como compositora. A instrumentista tocou obras de Igor Stravinsky com o próprio regendo; nomes como Luciano Berio e Iannis Xenakis lhe dedicaram peças. Como criadora, sorveu com sofreguidão a convivência e o aprendizado não só com os supracitados, mas com outros gigantes da criação contemporânea, como John Cage, Karlheinz Stockhausen e Olivier Messiaen.

Nascida brasileira, construiu sua revolução pessoal e artística quando morou nos Estados Unidos nos revolucionários anos de 1960. E que credo é esse?

“Procuro um momento de intuição poética, um momento de verdadeira cumplicidade entre artistas e com a audiência, um momento que nossa percepção de tempo e espaço se expanda e mergulhe no nosso interior.” Uma pesquisa que se estendeu a diversos campos, usando música, teatro, vídeo, texto, instalações. Com a convicção de que a “expressão sonora é inerente a todas as formas de vida”, Jocy tenta atingir um desenvolvimento orgânico da composição/execução, sem fronteiras entre vida e arte. “Como uma mandala, meu trabalho se compõe de estruturas indeterminadas, fragmentadas e compostas de pequenos eventos ou células em direção à renúncia da linearidade. Na minha música, tento conseguir um equilíbrio entre o indeterminado, a notação determinada e a improvisação controlada. Acredito que uma escritura amétrica estimula mais a noção de um tempo intuitivo e orgânico e assim a intuição assume um papel importante no processo criativo.”

Tecnicamente, mergulhou na filosofia do acaso de Cage, na música eletrônica e eletroacústica de Stockhausen e no rigoroso ecletismo de Berio. De Messiaen, apreendeu “uma nova noção do tempo – extraordinária descoberta. Sua escritura amétrica, a liberdade na escolha de materiais e técnicas composicionais como a adição de ritmos indianos (talas), o uso e a mescla do serial, modal, polytonal, tonal, polimodal, modos gregos, cantos de pássaros – tudo isso forma um universo sonoro absolutamente único. Este conceito me fascinou, influenciou-me na descoberta dos caminhos que me levaram a pesquisar outra percepção do tempo.”

Aos expectadores e ouvintes vale uma dica preciosa: música boa, segundo Jocy de Oliveira, é aquela que “estimula um momento de reflexão, um momento (idealisticamente e à la Joyce) de iluminação. Aquilo que pode ser hermético para uns não será para outros, isto é relativo. Nunca teremos como meta a grande massa, porém desejo, sim, ampliar o público interessado na música de hoje”.

J M Coelho Você é uma das pioneiras no Brasil, a fazer da multimídia núcleo de sua criação musical. E hoje ela cada vez mais se afirma como uma possibilidade de criação antenada com a atualidade

Jocy Schoenberg afirmava que tudo se repete e John Cage dizia que nada se repete... E aí como ficamos?
Hoje com 6 óperas compostas, dirigidas por mim, apresentadas e gravadas em DVD, tenho usado multimídia em meus trabalhos desde a década de 60. Vivemos numa sociedade cada dia mais visual e menos auditiva, isto pela imposição dos meios de comunicação e poluição sonora. Assim, uma peça que envolva meios visuais, terá mais condições de tocar a sensibilidade e ampliar a percepção do ouvinte espectador.

J M Coelho É possível inovar sem romper com a tradição?

Jocy Todo compositor, creio eu gostaria de que sua obra possa vir a inovar ou inventar novos rumos. Infelizmente nem todos "inventam" e a maioria copia ou realiza bem aquilo já inventado. Acredito que nosso olhar e nosso ouvido se projetam ao futuro enquanto nosso corpo sente o que vivemos no mundo de hoje e nosso inconsciente reflete aquilo que temos armazenado em nossa memória, ou seja nossa tradição. Nada vem do nada. Stephen Halkings pergunta: porque nossa memória só reflete o passado e não o futuro?

J M Coelho Qual a responsabilidade social do compositor hoje?

Jocy Sempre acreditei no papel do artista consciente de sua responsabilidade socio-política. Minhas operas trazem de maneira sutil a temática da mulher, da discriminação, do respeito ao meio ambiente, assim como nesta última "Kseni- A Estrangeira" o enfoque principal é "o direito de ser diferente".

J M Coelho Qual a responsabilidade social do compositor hoje em um país como o Brasil?

Jocy Vivemos num mundo interligado e globalizado. Não creio em papéis diferentes por estarmos geograficamente no hemisfério sul, apenas, fica mais difícil sermos ouvidos (em todos os sentidos)!